

Diálogos sobre Ensino de História: relatos entre a educação e as representações do patrimônio cultural religioso de Ponta Negra

Telma Jordânia Rodrigues Bezerra¹

O papel social formativo da disciplina de História está na reflexão e relativização que a ciência que estuda o homem através do tempo deve proporcionar para a ação no presente e planejamento para o por vir. Essa formação deve ser então proporcional às dinâmicas culturais presentes no meio trabalhado, de modo que torne inteligível seus processos de estruturação de valores e possibilitando a convivência com a diversidade. (BLOCH, 2002).

Pensando de modo que se possa construir uma sociedade mais tolerante, torna-se de primeira importância o estudo e trabalho com o tema das expressões religiosas dentro da sala de aula, vide o papel da religiosidade no cotidiano de grande parte da população, seja em grande ou em pequena escala geográfica, sendo qual for o tipo de manifestação. No entanto, não é objetivo deste trabalho estudar ou problematizar de forma abrangente a complexidade referente à religião ou às várias maneiras com que os diferentes sujeitos sociais se portam em relação à mesma.

Seguindo a proposta de uma educação para a diversidade (BRASIL/MEC, 2006), a prática com a temática das expressões religiosas vem encontrar embasamento, neste trabalho, unindo-se à proposta do PIBID-História (Natal) de uma educação patrimonial. O seguinte artigo visa problematizar o trato com as representações do patrimônio cultural religioso de modo a “assegurar a formação básica comum e respeito aos valores culturais e artísticos, nacionais e regionais” (MOREIRA; CANDAU, 2006).

Para tanto, serão explanadas as etapas da aplicação de projeto referente à temática, dando ênfase na análise reflexiva das mesmas ao apontar verificações subjetivas no decorrer da execução de modo que tais reflexões possam trazer teses para futuras experiências em sala de aula e, como numa visão dialética, somando-se a uma antítese do leitor, possa-se chegar a uma síntese, também subjetiva. Longe do objetivo de se chegar a uma conclusão definitiva e absoluta, aqui se incita a discussão.

¹ Graduanda em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID/MEC/CAPES). Orientadora Prof.^a Dr.^a Fátima Martins Lopes/UFRN.

A elaboração do projeto, o alcance e profundidade de sua temática, a metodologia de trabalho, bem como os objetivos propostos passaram pela adequação à clientela. Consideramos que, já tendo trabalhado anteriormente na turma-alvo, visto que o projeto fora posto em prática no final da trajetória do ano letivo de 2012, poderíamos laborar de modo consistente com a religiosidade numa turma de primeiro ano do Ensino Médio (Noturno), já que tínhamos apreendido a dinâmica dos mesmos.

Apropriando-se do conceito de uma pedagogia da autonomia (FREIRE, 2006), buscamos trazer à cena práticas didáticas que valorizassem e proporcionassem o aprendizado partindo do conhecimento empírico próprio e mais imediatamente e acessível aos educandos. Deste modo, pudemos promover o acesso aos principais pontos-chaves para o aprofundamento na questão do patrimônio religioso quando do manejo das concepções de patrimônio material e imaterial estando inserido numa ótica própria dos alunos.

Na prática, a partir do dicionário buscamos explicar de modo sucinto o que se trata por patrimônio (questionando: “o que seria o patrimônio?”) para tão somente avaliarmos como é concebido, pesquisando um referencial. Posteriormente trabalhamos através das aulas ministradas nas quais propusemos espaços de diálogos e reflexão, objetivando o reconhecimento do patrimônio em seu meio mais próximo, como por exemplo, nos seus pertences, atribuindo valores ao material – ao que é palpável – para posteriormente iniciarmos com conceitos de imaterialidade, atribuindo desta forma valores culturais, criando paralelos com o que fora visto antes.

Outro ponto de fundamental importância para atingir o propósito de conscientizar os alunos quanto ao patrimônio cultural material e imaterial, seria a visita ao Museu de Cultura Popular Djalma Maranhão, em que iríamos apresentar o seu acervo e relacioná-lo com as discussões que havíamos feito anteriormente, contudo, o que podemos realçar neste processo foi o fato de que a participação da turma não correu da forma como gostaríamos, visto a indisponibilidade dos alunos da turma em participarem de ações fora do horário de aula. Com isto, abrimos um parêntese para justificarmos este fato, embora estivéssemos trabalhando com uma turma caracterizada para o governo do Estado como normal, às características reais que encontramos eram de EJA (Educação de Jovens e Adultos), em sua maioria, trabalhadores que conseguiram a oportunidade de retornar para a sala de aula, e nos

deparamos com algo desafiador: como iríamos levar o projeto para frente se nos encontramos com um quadro de participação em atividades fora de sala quase nulo?

Quando já nos encontrávamos buscando outro viés para aplicarmos o projeto, houve a anexação de outra turma do 2º ano a nossa e, daí em diante, partimos para uma atividade a campo, em que consistia na identificação dos locais de culto do bairro de Ponta Negra e na captura de imagens desses locais, o que veio a compor os dois banners que foram utilizados na apresentação ocorrida na II Mostra Cultural da escola, neles continham aspectos analisados das seguintes religiões: catolicismo, protestantismo, espiritismo e candomblé. O trabalho de campo foi feito com uso de uma câmera fotográfica de um dos alunos, o que nos moveu a esta tarefa foi a oportunidade de reconhecer a diversidade-riqueza do patrimônio religioso de Ponta Negra.

Problematizando esse procedimento, temos a indicação do perigo em utilizarmos metáforas no ensino, questão tratada com autoridade por Gaston Bachelard. Trazendo à tona as indicações trazidas pelo filósofo, os usos dessas vias de acesso à apropriação do conteúdo por parte dos discentes podem ao mesmo tempo viciá-lo, torná-lo incompleto, incoerente com o conhecimento científico, tornando-se obstáculo epistemológico caso não forem substituídas posteriormente pelo conceito preciso de seu conhecimento (BACHELARD, 1996). Todavia, em nosso caso, as metáforas e os caminhos para o conhecimento foram, como na orientação do mesmo, meios temporários para se chegar ao objetivo: o estatuto do saber solidamente construído. Essa problematização nos acompanhou durante todo o trabalho de aplicação do projeto, e nos acompanhará também durante nosso percurso docente.

O patrimônio então foi tomado como ligado à memória, seja ela de uma nação, grupo, instituição ou pessoa, tendo valor significativo e fornecendo identidade a quem pertence. Aqui a noção de lugar de memória, proposto por Pierre Nora, é tomada como sendo um espaço, seja ele qual for, eleito para conter informações, memórias que assegurem determinados referenciais indenitários para determinados sujeitos (NORA, 1993).

Em consonância com tais referenciais teóricos, agimos de modo a gerar nos discentes um caminho de pensamento no qual fosse possível que os mesmos reconhecessem seus patrimônios, presentes em seus lugares de memória, que os forneciam identidade, como em um exemplo comum que podemos aplicar: o culto remete às doutrinas religiosas a ideia de

se reconhecer como pertencente da religiosidade, para só então e já julgando possível a introdução à temática do patrimônio religioso após essa autonomização intelectual como proposta por Paulo Freire, começássemos a introduzir reflexão referente aos conceitos sólidos da questão do patrimônio religioso, como orientou Gaston Bachelard.

Consideramos que experimentados de uma autonomia intelectual e já ambientados com os conceitos centrais de patrimônio poderíamos manusear a esfera que diz respeito à religiosidade e suas expressões. Definido nosso recorte espacial no bairro de Ponta Negra iniciamos diante disso os questionamentos referentes a uma educação para a diversidade, pauta posta à luz do dia pelas propostas recentes do Ministério da Educação Brasileiro. Acreditamos assim que estruturado nosso quadro teórico-metodológico, seria possível iniciarmos o período do projeto em que os discentes tomam quase que por completo o centro de reflexão e ação do mesmo, consideramos esse o principal objetivo pedagógico, que já fora indicado por Paulo Freire. Visto isso, poderíamos nos colocar (alunos e professores) como próximos ao valor social que deve ter o ensino de História, buscando promover o entendimento à diversidade humana e trazendo ao centro das ideias a tolerância e a visão crítica daquilo que é tomado como natural.

Para isso orientamos os discentes a fazer o mapeamento das atividades religiosas expressas na comunidade de Ponta Negra, de maneira que os alunos pudessem olhar para o bairro agora como agentes participativos de uma pesquisa, mas também como sujeitos integrantes de uma realidade observada, apesar de até então nunca ou muito pouco refletida.

O terceiro passo tomado foi a estruturação junto aos discentes de entrevistas voltadas a explorar o modo como a comunidade do bairro de Ponta Negra (aquela que não estava tendo acesso às discussões de modo direto) compreendia o conceito de Patrimônio Cultural Religioso. Partindo dessa mostra seria possível criar um comparativo e dimensionar a profundidade com a qual deveria ser abordada a temática para com a população do bairro num futuro próximo.

Pôde-se então identificar, sobretudo por meio da entrevista que propomos, a intolerância religiosa estabelecida pelo desconhecimento involuntário e até pela recusa em mudar conceitos já adquiridos anteriormente com relação a determinadas expressões religiosas. Assim, na entrevista em questão, foi feita por meio da elaboração de perguntas, as quais deveriam ser feitas na comunidade com as pessoas locais acerca da temática. Deste

modo, foram elaboradas perguntas sobre: as diversidades religiosas visíveis no bairro; como entendiam os elementos que compunham a religiosidade do bairro, mapeadas a partir da ida a campo; bem como, eles, os cidadãos do bairro, viam a questão do patrimônio e a religiosidade; por fim, foi perguntado também como eles, os entrevistados, se percebiam no tocante à religiosidade. Ignorando-se assim raízes presentes na História das Religiões do Brasil e remetendo-as de maneira confusa à práticas pagãs, ou mesmo indicando-as como fruto de um misterioso-mítico tronco religioso, por vezes expressa pelo medo ou aversão mesmo durante a apresentação na mostra cultural.

Mesmo no trabalho com os discentes, já envolvidos nas discussões referentes às expressões religiosas, percebemos alguma resistência em quebrar certas ideias de início. A esse problema recorreremos à historicidade da dinâmica religiosa em nosso país, chegando à questão das religiões afro-brasileiras, sendo essas as mais recorrentes em conceitos incoerentes, vereditos míticos e reportados ao medo pelo desconhecimento. Ao longo da execução do projeto também foi possível notar situação semelhante com relação ao espiritismo, também cercado de falsas ideias e com um universo de apreensão completamente tomado pelo mítico criado pela falta de explicação sobre a vida após a morte, por exemplo, chegando a causar polêmica no meio das discussões tanto em sala como na apresentação na mostra.

As sondagens na população do bairro e nos discentes permitiu o amadurecimento das discussões, foi possível atuarmos de modo a questionar as definições religiosas construídas de maneira equivocada, visto que, foram incentivadas reflexões nos pontos em que se podia ver maior força desse tipo de ideologia.

Seria possível assim visualizarmos a etapa final do projeto: a exposição das reflexões dos discentes para o seu próprio bairro na mostra cultural da escola. Passamos a ponderar o que seria exposto e a maneira com isso seria feito. Foi decidida de pronto a exposição de objetos simbólicos que caracterizam as quatro religiões trabalhadas neste projeto: o candomblé, o catolicismo, o protestantismo e o espiritismo, visando uma abertura à população do universo que engloba tais expressões religiosas. Pelo caráter lúdico, também

foi decidida a distribuição de lancheiras de Cosme e Damião² para o incentivo à participação dos visitantes nas questões propostas pelos alunos. O uso da lancheira foi de caráter estritamente simbólico, vide a prática ser exercida apenas em dias específicos (de acordo com a umbanda, que entra neste relato enquanto componente das religiões afro-brasileiras).

Já dando conclusão a nosso relato, uma das partes que consideramos mais excitantes foi a culminância, ou seja, a exposição para a comunidade de imagens em escala ampliada daqueles lugares que compunham a diversidade do patrimônio cultural religioso do bairro de Ponta Negra. Essas imagens, fixadas nas paredes de forma não definitiva, junto aos objetos simbólicos de expressões religiosas e aos banners, iriam compor a exposição feita pelos alunos da turma, de modo a gerar um ambiente que remetesse os assistentes ao universo religioso, e não foram poupados esforços tanto por parte de nós bolsistas como dos próprios alunos, para que esses elementos fossem mostrados e seus mitos quebrados.

Para a mostra, convocamos os alunos para juntamente conosco anexar as imagens relativa a cada religiosidade, portanto, tínhamos imagens - especialmente fotos tiradas no dia da visita ao bairro já explicitada anteriormente – característica de cada uma das religiosidades trabalhadas. Mas não eram só imagens, haviam uma série de objetos de igual importância, que identificaram cada religião exposta na mostra. O passo seguinte foi dividir a turma para se revezar na apresentação dos Banners, imagens e objetos ali expostos, bem como delegar a alguns alunos a tarefa de fazer uma representação de cada religiosidade, então, solicitamos que os mesmos se habilitassem, entretanto, apenas um dos alunos se propôs a tal intento, e assim o fez durante a mostra. Todavia, um de nós, os bolsistas, Reginaldo Carlos, se habilitou a também representar uma religiosidade, caracterizando-se como pastor, na representação do protestantismo. Por fim, cabe destacar que a turma, embora tenha se dedicado na elaboração do projeto, no dia da mostra, poucos se mostraram realmente envolvidos, mas, no geral consideramos o saldo do projeto positivo, especialmente por que a parcela dos alunos que empenharam na realização do mesmo, conseguiram apresentar o conhecimento temático proposto pelo projeto, tendo em vista a ótima avaliação por nós realizada no respeitante as suas apreensões sobre o projeto.

O momento da II Mostra Cultural, realizada na Escola Estadual Prof. João Fernandes

² A distribuição de lancheiras com doces trata-se de uma prática recorrente da Umbanda. De acordo com as religiões afro-brasileiras, Cosme e Damião são representações dos Ibjéis gêmeos amigos das crianças. Quando invocados, auxiliam no processo de agilização de qualquer pedido feito.

Machado, foi o marco para colocarmos em prática todos os aspectos pesquisados ao longo do projeto, e apresentarmos ao bairro de Ponta Negra o conhecimento adquirido pelos alunos através dos debates elaborados em sala e análise de campo. Aos alunos foi reservado o papel de conhecer as principais manifestações religiosas presentes na localidade, suas semelhanças e diferenças, sempre tentando relacionar com o que fora visto na escola. O constante trabalho junto aos alunos, reforçando conceitos e orientações sobre como proceder e ao que atender-se na exposição, e ao mesmo tempo buscando autonomia intelectual foi proveitoso visto o êxito na exposição à comunidade.

A tolerância religiosa foi então buscada a partir do conhecimento adquirido pelos alunos, vistos aqui como células de dissipação do conhecimento científico e de valores cidadãos na população de seu bairro, agindo de modo a mitigar práticas preconceituosas à evidência da diversidade de troncos religiosos que fazem parte do quadro cultural do bairro e da cidade a que pertencem. A exposição de elementos característicos de cada religião estudada para formarmos "espaços" foi um viés encontrado para que de forma mais básica pudessemos desmistificar o público alvo das ideias referentes ao "outro", visto a provável ausência de discussões mais aprofundadas a respeito. Criados os espaços representativos no ato da distinção de cada vertente religiosa, foi propositalmente incentivada a relação entre o candomblé e o catolicismo, expressões religiosas ligadas por aquilo que se conhece como sincretismo, ator de presença forte na cena religiosa de nosso país e de importância central nas discussões que visam acabar com o distanciamento espontâneo entre as expressões religiosas.

O que testificou a participação massiva do corpo discente, e aqui apontamos um saldo positivo na execução do projeto, foi a presença voluntária de alunos de outras turmas que manifestaram interesse na confecção do espaço, desde a decoração até a ação em atrair outros alunos, pais e professores para acompanharem as últimas preparações e a exposição do projeto na mostra cultural.

Frente a todos os desafios e dificuldades que existiram, conseguimos criar laços primários de interesse pela questão nos alunos do primeiro ano. Estabelecemos também laços de amizade. Conhecê-los mais proximamente permitiu que pudessemos atentar para a realidade semelhante de muitos. As características de uma turma EJA (Educação de Jovens e Adultos), que para tantos docentes são enfrentadas como problemas na execução de projetos

como este foram suplantadas pelo interesse demonstrado pelos discentes no projeto sobre a diversidade religiosa. Esperamos que tais relatos sirvam para problematizar projetos referentes ao trato com a religiosidade e no mesmo sentido comprovar a capacidade dos alunos e das escolas de que é possível e produtivo aplicar projetos como os postos em prática pelo PIBID de forma geral. Objetivamos com os apontamentos aqui expostos substituir o temor para com o desastre pela crença no sucesso; a valorização e aproximação do estudante das licenciaturas em projetos deste porte, e que nossas reflexões possam ajudar nos questionamentos referentes ao trabalho com a diversidade, com a tolerância e na busca pela independência intelectual de nossos discentes.

BIBLIOGRAFIA

BACHELARD, Gaston. **A formação do espírito científico: contribuição para uma psicanálise do conhecimento**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

BRASIL/MEC. **Curso Educação na Diversidade**. CDROM Disco 01, c2006.

BLOCH, Marc. **A Apologia da História ou ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 37. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

MOREIRA, Antônio Flávio Barbosa; CANDAU, Vera Maria. Currículo, conhecimento e cultura. In: BRASIL. Ministério da Educação. **Indagações sobre currículo**. Brasília: Ministério da Educação, 2006.

NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares, In: **Projeto História**. São Paulo: PUC, n. 10, pp. 07-28, dezembro de 1993.